



João De Mio: imigrante, católico e construtor do Paraná

Luciano Chinda Doarte¹

As movimentações populacionais eram comuns nas regiões da atual Itália muito tempo antes de os grandes grupos virem ao Brasil no século XIX. Muitos profissionais, principalmente os agricultores, saíam de suas aldeias em busca de trabalho e também fugindo da miséria, criando assim uma “cultura da viagem e da peregrinação” que se encontrava “difundida no mundo popular” (BEVILACQUA, 2001, p. 99). Essas saídas em busca de trabalho oportunizavam o exercício da profissão e auxiliavam na manutenção dos laços com o local de origem, por meio de um forte sentimento de pertencimento. No fim dos Oitocentos, alguns grupos que partilhavam da cultura de partida e retorno, pertencentes especialmente à região norte da Itália, decidem mudar-se definitivamente para o Brasil.

Neste contexto, surge João De Mio, filho de Giovanni Battista Fortunato de Mio e Assunta Beatrice Marmolada, nascido na pequena região de Marmolada, que “nesta época era uma comunidade não mais de que quatro moradias” (DE MIO, 2011, p. 27) e era “um modesto vilarejo situado num vale encravado nos alpes italianos” (DE MIO, 2011, p. 27), na Província de Belluno, na região do Vêneto. Sua família, provavelmente por meio de diligências e estradas de ferro, chegou a Gênova, que fica aproximadamente a trezentos quilômetros de distância de onde habitavam e de onde partiam semanalmente navios com destino à *nova terra prometida*: o Brasil.

Não foram poucas as famílias que tiveram acesso a propagandas sobre o Brasil, nas quais elogiavam-se o país e suas maravilhas. Essas campanhas traziam frases que prometiam ao italiano a possibilidade de realizar todos os seus sonhos, com muitas terras e ferramentas para se trabalhar num país muito produtivo, obtendo ainda a ajuda do governo. Além dos anúncios do governo e das empresas de imigração, muitos italianos já estabelecidos no Brasil passaram a enviar cartas contando a vida que conquistaram na América. Um dos casos mais famosos é o de Paolo Rossato, também da região do Vêneto, que se estabeleceu no Rio Grande do Sul e recomendou à família que viesse ao Brasil, onde a produção de laranja era farta e a paisagem parecia com a de casa. Em uma das cartas, ele escreveu uma emblemática frase que resume a ascensão que alguns imigrantes italianos conquistaram: “lá éramos servos, aqui somos senhores” (SARTORI, 2015).

A família de João De Mio, formada essencialmente por pedreiros e marceneiros e, assim como muitos agricultores já citados, também em busca de melhores oportunidades, decidiu viajar e adquiriu o visto necessário para embarcar no navio Sírio, com destino ao Rio de Janeiro, então capital brasileira. Na cidade carioca, passaram ao navio nacional *Rio Grande*, que os levou para Santa Catarina. Antes de partirem para o sul, a criança com sete anos incompletos viu “o foguetório da véspera de São João” que, em conjunto com a cidade, a movimentação e as luminárias, aos olhos de um menino “se apresentavam de uma grandiosidade sem par” (DE MIO, 2011, p. 27). Em Santa Catarina, desembarcaram na Ilha de Santa Cruz e ficaram num casarão que hospedava imigrantes. No mesmo relato, João De Mio mostra a devoção católica dos familiares,

¹ Titulado em Conservação e Restauro de Bens Culturais (MinC, 2013). Licenciado em História (PUCPR, 2015). Mestre em Patrimônios, Acervos e Memória (UNESCO, 2016). Atualmente é Historiador e Conservador-Restaurador do Círculo de Estudos Bandeirantes – CEB.

contando que a mãe e uma tia dirigiram-se, na mesma tarde da chegada, a uma capela de Nossa Senhora dos Navegantes e oraram: “o que pediram a Deus e a Virgem? Certo pediram ajuda e proteção” (DE MIO, 2011, p. 27).

Após mais algumas navegações, chegaram à Colônia Luiz Alves (em homenagem a Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias), por meio de um rio de mesmo nome, que ficava a mais ou menos cinquenta quilômetros de Itajaí. O local tinha uma mata muito densa e uma grande variedade de animais selvagens, principalmente aves. Uma, particularmente, cantava todas as noites, no mesmo horário, e D. Assunta Beatrice fazia os filhos ajoelharem e rezarem as Ave Marias, dizendo que o pássaro cantava o *Angelus*. Na ausência de uma igreja, um moço, também imigrante, construiu uma pequena capela de madeira coberta com folhas de palmeira, que foi inaugurada num domingo. Neste dia, todos oraram e cantaram em sua língua mãe, como faziam na Itália. “Aqueles imigrantes italianos, [...] num sertão inóspito, ajoelhados no duro chão [...]. Foi uma cena que jamais me saiu da memória” (DE MIO, 2011, p. 29). Giovanni De Mio construiu para sua família uma casa modesta de madeira e cobertura de folhas, usando seus conhecimentos de construção civil, profissão já praticada na Itália.

Após pouco mais de um ano na colônia catarinense, o pai e um tio de João De Mio decidiram tentar uma vida melhor no Paraná, dado que a região onde estavam estabelecidos provia uma vida difícil. Em 1888, após receber 12\$000 (doze mil-réis) pelas posses, partiram para Curitiba. Da colônia foram a Itajaí, onde esperaram por oito dias até partirem no navio *Humaitá* para Desterro (atual Florianópolis), onde ficaram por três dias. De lá, a bordo do *Rio Negro*, chegaram a Paranaguá e daí, de trem para Curitiba. “A capital naqueles tempos, não era realmente grande coisa, mas para nós, depois de dezoito meses no inóspito Luiz Alves, representava grande coisa” (DE MIO, 2011, p. 31).

Após se instalarem na capital paranaense, tendo de pagar um alto valor em aluguel, não tendo mobília e com o pai da família desempregado, a vida passou a ser difícil, mas, enfim, o pai encontrou serviço com o mestre pedreiro Carlos Werneck. João De Mio começou a estudar em 1889, terminou o curso primário em 1892 e, com 13 anos, passou a trabalhar na chácara da família, além de trabalhar como servente de pedreiro, seguindo a profissão do pai. O autodidatismo foi uma forte característica, então estudou autores clássicos da arquitetura como Vitruvius e Palladio, que chamava de “livros bons que me ensinavam a viver com o sentimento do belo e do nobre” (DE MIO, 2011, p. 32).

Desde então, João De Mio teve uma ativa vida social e profissional. Erigiu diversas obras conhecidas em Curitiba, bem como em todo Paraná. Construiu muitas igrejas em diversos bairros da capital, auxiliando a Igreja Católica a alcançar o maior espaço geográfico possível, mostrando sua presença e “espantando” o então temido comunismo. Também participou de entidades importantes como a Sociedade Garibaldi, a Sociedade Beneficente Operária do Batel e o Círculo Operário Católico e, por vezes, foi líder ou teve outros cargos de destaque nesses grupos. Por diversas vezes, foi citado em colunas sociais, em ocasiões como seu aniversário ou nascimento de uma filha. Ainda por conta de sua devoção, atuava em organizações de festas católicas, especialmente nas Semanas Santas. Socialmente, recebeu títulos importantes e condecorações do Governo Italiano.

João De Mio, um homem que ajudou a construir Curitiba e que nunca se esqueceu de suas origens, tendo sempre muito orgulho de ser católico e italiano, faleceu em 1971, com 92 anos.

Referências

BEVILACQUA, Piero. Società Rurale e Emigrazione. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina e FRANZINA, Emilio. **Storia Dell'imigrazione Italiana**: partenze. Roma: Dozelli Editore, 2001.

DE MIO, João. Reminiscências de um Imigrante. In: DE MIO, Livio Batista. João De Mio. **Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes**, Curitiba, n. 15, set. 2011.

SARTORI, Tríssia Ordovás. “Lá éramos servos, aqui somos senhores”, escreveu Paolo Rossato. Imigrante mandou cartas aos familiares e os convenceu a deixar a Itália. **Pioneiro**, 22 maio 2015. Italianos da Serra. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/italianos/noticia/2015/05/la-eramos-servos-aqui-somos-senhores-escreveu-paolo-rossato-4765788.html>>. Acesso em: 30 jun. 2016.



Figura 1 — Fachada do Centro de Estudos Bandeirantes
Fonte: Acervo do Centro de Estudos Bandeirantes.